

REFLEXÕES SOBRE O CONCEITO DE CONSTELAÇÃO DE GÊNEROS E SUAS IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO DE LÍNGUAS

AUTORIA

J. C. Araújo (Doutor - Hiperged/UFC)¹

N. Zanotto (Doutor - UCS)²

RESUMO: No presente artigo, defendemos que uma constelação é formada por gêneros que se diferenciam em seus propósitos comunicativos específicos, mas que podem ser agrupados por razões diversas, como para a realização de uma tarefa para a qual seja necessária uma cadeia de gêneros (SWALES, 2004). Com base na perspectiva teórica acima, objetivamos discutir as implicações pedagógicas do conceito de constelação de gêneros, tomando como referência o ensino da língua materna. Acreditamos que a compreensão do citado fenômeno, por parte dos professores, pode ser útil para este ensino na medida em que a competência sociodiscursiva dos alunos pode ser ampliada em relação a um determinado elemento motivador da constelação. Isto se justifica porque os gêneros que se constelam se tornam distintos entre si graças à teia de propósitos comunicativos que eles formam dentro da constelação, a fim de atender às mais diversas funções sociais dentro da tarefa maior em função da qual eles se encadeiam. Portanto, o estudo de cadeia de gêneros dentro de uma tarefa escolar maior pode proporcionar aos estudantes uma visão mais ampla da função social dos gêneros, não limitando a compreensão acerca dos modos como a sociedade organiza seus processos comunicativos nos diversos tipos de constelação que podem existir.

Palavras-Chave: constelação de gêneros, ensino, propósito comunicativo.

ABSTRACT: In this paper, we support that one constellation is organized by genres that differ from each other in their specific communicative purposes, but that can be clustered for various reasons, such as when accomplishing one task to which a genre chain is necessary (SWALES, 2004). Based on the theoretical perspective pointed out above, we aim to discuss the pedagogical implications of the concept of the constellation of genres, considering mother tongue teaching process. We believe that the comprehension of this phenomenon, by the teachers, can be useful for this teaching process since students' social discursive competence can be extended in relation to one determined element that motivates the constellation. This is justified because the genres that are joined become distinctive among themselves for the scheme of communicative purposes that they form inside the constellation, in order to serve various social functions inside of the major task based on the one that they joint. Hence, the study of genres chain inside a major scholar task can provide students with a more extended vision of the genres social function, not limiting to the comprehension about the ways society organize its communicative processes in the various kinds of constellation that may exist.

Key-Words: constellation of genres, teaching, communicative purposes.

1 Considerações iniciais

¹ Professor e pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Linguística do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal do Ceará, onde coordena o grupo de pesquisa Hiperged. E-mail araujo@ufc.br

² Professor e pesquisador do Centro de Ciências Humanas da Universidade de Caxias do Sul. E-mail ibrall@bitcom.com.br

O fenômeno dos agrupamentos de gêneros textuais é tomado como objeto de reflexão por vários autores, os quais o definem por meio de metáforas como **colônia** de gêneros (BHATIA, 1993; 1999; BEZERRA, 2006) ou **constelação** de gêneros (MARCUSCHI, 2000; BHATIA, 2001; SWALES, 2004; ARAÚJO, 2004; 2006). Seja qual for a metáfora adotada para designar esse fenômeno, os referidos autores divergem entre si quanto às definições que elaboram para os grupos de gêneros textuais. Longe de desconsiderarmos a relevância teórica do conceito, para o presente artigo, não é nosso objetivo proceder a um exercício analítico das definições que podem ser facilmente encontradas na literatura arrolada acima. Sendo assim, neste trabalho, ajustaremos nossa lupa para a proposta de Swales (2004), que, ao estudar o fenômeno dos grupos genéricos, optou por trabalhar com a metáfora de **constelação de gêneros**.

Swales se tornou conhecido entre os analistas de gêneros por sua dedicação à busca pela compreensão dos gêneros que organizam as práticas discursivas acadêmicas. Em “Research genres: explorations and applications”, o autor demonstra interesse pela categoria de constelação de gêneros, já que no capítulo “Toward a world genre”, mais precisamente na seção “Constellations of Genres” (SWALES, 2004, p. 12), é notória a importância que ele confere à relação que se estabelece entre os gêneros de um mesmo grupo. Para estudar tais relações, Swales faz uma etnografia por diferentes departamentos da Universidade de Michigan, onde trabalha, para compreender de que maneira as diferentes áreas do conhecimento científico concebem as relações entre os gêneros que produzem e consomem. Aos diversos tipos de relações genéricas estudadas, Swales designa de constelações de gêneros.

A expressão que dá título à referida seção está escrita no plural, o que permite a observação de que Swales admite uma tipologia de constelações, nas quais os gêneros se relacionam entre si através de **hierarquias** (p. 12), **cadeias** (p. 18), **grupos** (p. 20) e **redes** (p. 21). Não iremos apresentar aqui todos os tipos de constelações de gêneros estudados pelo autor, pois o leitor pode, caso deseje, consultar isso no livro de Swales. Sendo assim, focalizaremos nossa atenção apenas na constelação de gêneros designada pelo autor de cadeia de gêneros. Nossa escolha se justifica na medida em que consideramos que, para além de se perguntar quais os agrupamentos genéricos que existem ou mapeá-los em uma “possível” tipologia, pretendemos encetar uma reflexão sobre esse fenômeno para depois sugerirmos um tratamento didático desse tema. Assim,

entendemos que estudar a categoria constelação de gêneros, sob o ponto de vista didático, pode ser útil para o ensino, na medida em que a competência sociodiscursiva dos alunos pode ser ampliada em relação a uma cadeia de gêneros que pode se constituir a partir de um elemento motivador (projeto/unidade didática/evento/tema) proposto por um professor.

O objetivo deste trabalho, portanto, vai além da teorização acerca do conceito de constelação de gêneros, uma vez que também intentamos extrair possibilidades didáticas de sua aplicação no planejamento e execução de unidades didáticas. Dito de outra forma: no presente artigo não iremos apenas teorizar sobre a noção de constelações de gêneros, mas também realçar como ela pode ser utilizada como estratégia de ensino. Nesse sentido, não se pode dispensar algumas incursões teóricas com o objetivo de se obter um mínimo de informações, indispensáveis para fundamentar os procedimentos didáticos. Começamos pela própria noção de gêneros de texto.

2 Gêneros de texto

Gênero de texto é um protótipo abstrato, um modelo que temos na nossa mente, a partir do qual planejamos a produção de um texto. Bronckart (2004) denomina de **arquitexto** esse registro mental dos protótipos de gêneros guardados nas nossas mentes. A pessoa que não tiver guardado em sua mente o protótipo de um gênero, não terá condições de produzir textos desse gênero. Segundo Bronckart (2004, p. 100), “O **arquitexto** é constituído pelo conjunto de gêneros de textos elaborados pelas gerações precedentes, tais como são utilizados e eventualmente transformados e reorientados pelas formações sociais contemporâneas”. (Grifo do autor).

Nessa perspectiva, é possível defender a tese segunda qual só temos condições de produzir textos cujos modelos conhecemos. Logo, ser competente em linguagem significa dominar e, portanto, saber “decifrar” e produzir os textos de diversos gêneros necessários à nossa profissão, à nossa vida, enfim. Isso se justifica porque os gêneros de texto existem para viabilizar a nossa comunicação por meio da língua. Acerca disso, Bakhtin ([1953] 2003, p. 283) pondera:

Se os gêneros do discurso [de texto] não existissem e nós não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo do

discurso, de construir livremente e pela primeira vez cada enunciado, a comunicação discursiva seria quase impossível.

Mesmo que o aspecto *relativamente estável* de um determinado gênero esteja estocado na memória cognitiva das pessoas, é importante entender que o reconhecimento desse objeto ontológico difere de pessoa para pessoa, pois reconhecer a peça genérica de uma determinada situação comunicativa é tarefa que está na dependência de suas práticas de linguagem. Assim, ao pensarmos em gêneros escritos que atendem às necessidades enunciativas mais complexas, não seria inapropriado afirmar que quanto mais alguém lê, produz e estuda os gêneros de texto praticados em suas esferas de comunicação, mais facilidade terá de reconhecê-los e de (re)produzi-los.

As atividades de estudo e produção de textos com base na teoria dos gêneros textuais levam em consideração vários fatores que contribuem para caracterizar e inserir em contextos discursivos os gêneros, podendo ser citados, entre outros, os propósitos comunicativos, o autor/produtor/enunciador, o destinatário, a (super)estrutura, o suporte, o canal (mídium) (MAINGUENEAU, 2002), o conteúdo temático, a seleção lexical (verbos, substantivos, adjetivos, conectores), as tipologias discursivas (sequências tipológicas) predominantes, a situação enunciativa (situação de produção), os contextualizadores, etc. Compreendemos esses diversos fatores que caracterizam e inserem os textos em situações enunciativas concretas não apenas como uma oportunidade para pensarmos sobre o fenômeno das constelações de gêneros como também para refletirmos sobre a relevância da aplicação didática desse fenômeno nas aulas de língua materna.

Seja em qual perspectiva for, a noção teórica de gênero goza de relativo consenso conceitual, segundo o qual gêneros são artefatos semiotizados pelos homens para organizar suas diversas práticas discursivas. E é neste ponto consensual que reside o nosso interesse no presente artigo, pois acreditamos que, na medida em que as práticas discursivas se complexificam, elas contribuem para a geração de curiosos agrupamentos genéricos que devem se formar por razões de natureza diversa. Assim, poderíamos indagar:

3 O que é uma constelação de gêneros?

Araújo (2006) mostra que a pesquisa sobre o agrupamento de gêneros não é algo novo

nos estudos da linguagem, pois Bakhtin ([1929] 2002), embora não tenha feito uso da metáfora da constelação, já havia se dedicado ao estudo de agrupamentos genéricos, como metodologia para descrição do romance polifônico. Para defender a tese de que Dostoiévski inaugura uma nova variante de romance (o romance polifônico), o autor russo faz um levantamento exaustivo da história desse gênero, procurando reunir elementos que sejam comuns às variedades do gênero. Assim, percorrendo este viés metodológico, o autor chega aos gêneros que formam o campo do sério-cômico e reserva atenção especial às transmutações e às hibridizações pelas quais passa o romance durante sua evolução. Como podemos observar, a mistura de estilos e de gêneros não é em si uma novidade, posto que tal fenômeno remonta à Antiguidade Clássica.

No que diz respeito aos estudos contemporâneos, são diversas as constelações analisadas por linguistas, tais como os gêneros promocionais (BHATIA, 2001; 2004); os gêneros acadêmicos (SWALES, 2004); os gêneros acadêmicos introdutórios seja impressos (BEZERRA, 2006), seja virtuais (BEZERRA, 2007); os gêneros digitais, como o curioso agrupamento constelar dos chats (ARAÚJO, 2004; 2006); os gêneros anúncios (LOPES, 2008), etc. Subjacentes a cada uma dessas análises, há diversas definições de constelações de gêneros pautadas por categorias também diversas. Sem desmerecer o esforço acadêmico dos autores por definir esse fenômeno, optamos por entender o agrupamento genérico à luz da analogia que Campbell & Jamieson (1978, p. 19) fazem entre a categoria de constelação vinda da Astronomia com o que estamos tentando fazer na Análise de Gêneros. Para as autoras, “as estrelas que formam uma constelação são individuais, mas sofrem influências uma das outras, assim como influências externas. Consequentemente elas se movem juntas e persistem em uma relação similar apesar de suas posições variarem”.

Assim, para o que propomos aqui, essa analogia nos interessa porque entendemos que os gêneros que compõem uma constelação são ao mesmo tempo semelhantes e distintos entre si. E é nesse paradoxo que consiste a natureza constelar de um grupo de gêneros que podem ser organizados por um propósito comunicativo geral (BHATIA, 1997), por propósitos comunicativos distintos (ARAÚJO, 2006) ou por hierarquias, cadeias,

grupos e redes (SWALES, 2004). Baseado no trabalho de Räsänen (1999)³, Swales procurou saber qual o gênero de maior prestígio entre “os membros da comunidade científica em segurança contra acidentes de automóveis” (p. 14). Ao resenhar o trabalho da autora citada, Swales destaca o *conference presentation paper* (doravante CPP) ou o “artigo de apresentação em conferência” como o gênero mais importante para os especialistas em estudo sobre segurança contra acidentes de automóveis. Esse raciocínio está na base de um tipo de constelação de gêneros, denominado pelo autor de cadeia de gêneros. Examinemos mais de perto a proposta da cadeia de gêneros, segundo Swales.

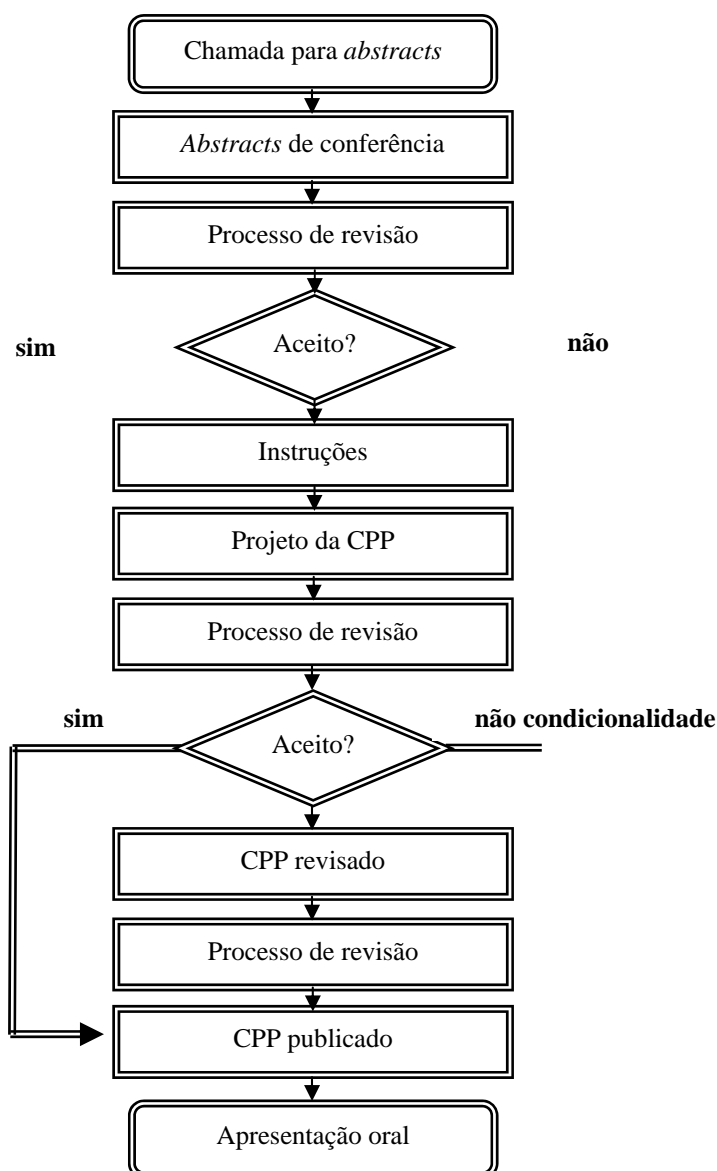
Swales (2004, p. 18) defende que as relações entre os gêneros não se limitam unicamente ao lugar que eles ocupam no *ranking* de suas comunidades científicas, já que existem casos em que “um gênero é um antecedente necessário para o outro”. Por isso, inspirado pelo trabalho de Räsänen (1999), Swales entende esses casos como um tipo de constelação cujos gêneros se organizam em cadeias, graças à sua disposição cronológica. Segundo suas explicações, algumas cadeias genéricas são bem curtas e envolvem poucos gêneros. Assim, esse tipo de constelação tem seu tamanho de acordo com as necessidades de um determinado evento comunicativo. Por exemplo, um convite para alguém ir falar em um colóquio departamental suscitará outros gêneros, como o próprio **convite**, a “**aceitação** (talvez por *e-mail*), a **apresentação** em si e, depois talvez de uma **carta de agradecimento**, possivelmente um **cheque**” (SWALES, 2004, p. 18 [grifos nossos]). Nesse tipo de constelação, explica o autor, sempre há o gênero “oficial”, responsável, de certa maneira, pelo desencadeamento dos outros. Nesse caso, a **apresentação no departamento**, absorverá outros gêneros, os quais também desenvolverão papéis indispensáveis para o funcionamento da cadeia. Nesse tipo de constelação, é possível que uma hierarquia se projete nas cadeias de gêneros, já que, à luz do raciocínio swalesiano, tanto nas constelações por hierarquias quanto nas constelações por cadeias, sempre haverá o gênero mais importante.

Não obstante isso, para os fins didáticos que serão explicados mais adiante, consideramos que os demais gêneros da cadeia, a seu tempo, não podem ser vistos apenas como meros coadjuvantes para o suposto gênero principal, como mostra Swales. De nossa parte, insistimos em dizer que os outros gêneros da cadeia são todos

³ RÄISÄNEN, C. *The conference forum as a system of genres*. Gothenberg, Sweden: Acta Universitatis Gothoburgensis, 1999.

importantes para a existência da constelação, pois entendemos que todos, a seu tempo, garantem a existência e o funcionamento, no caso, da cadeia dos gêneros, já que todos desempenham, no momento oportuno, seus propósitos comunicativos, pois o que importa são as funções sociais para as quais eles são destinados. Com isso, queremos dizer que não poderia haver a **apresentação** no departamento se antes os interessados não tivessem mobilizado o gênero **convite**, o gênero **aceite**, etc.

Outro problema que pode ser apontado na pequena constelação acima diz respeito a uma possível simplificação da cadeia mostrada. Por essa razão, antecipando-se a uma possível crítica que o acusasse de simplificar esse tipo de constelação, Swales se adianta e cita uma complexa cadeia genérica formada por gêneros absorvidos e não absorvidos. Os últimos dizem respeito aos gêneros principais da cadeia, e os primeiros se referem aos outros que são absorvidos pela constelação para garantir a sua existência. Assim, para o gênero artigo de apresentação em conferência (*conference presentation paper – CPP*), estudado por Räsänen, pode-se ter a seguinte cadeia:



Fonte: RÄISÄNEN (1999, *apud* SWALES, 2004, p. 19)⁴.

A ideia que podemos depreender dessa figura é a de que uma constelação de gêneros em cadeia parece se organizar em torno de uma atividade motivadora cuja realização está condicionada ao fato de que “um gênero é um antecedente necessário para o outro” (SWALES, 2004, p. 18). No caso da cadeia que se formará em torno do CPP, o primeiro gênero que desencadeará os outros é a **chamada para abstracts**, o qual suscita o **abstract**. Este último exige que a comissão científica de um congresso como o SIGET⁵ possa sugerir que o candidato realize o **processo de revisão** de seu texto para só depois enviar uma **carta de aceite** (ou não). Feito isso, existirão as **instruções** de como o artigo deve ser escrito, o qual deverá ser resultado de um **projeto de CPP** (ou o planejamento que o conferencista deve fazer), que passará mais uma vez pela comissão para o **processo de revisão**. Tal processo suscitará mais um **aceite** (ou não). No primeiro caso, o proponente deverá estar com o **CPP revisado**, o qual, antes da publicação, passará por outro **processo de revisão**. Somente depois dessa sucessão em cadeia é que haverá a **apresentação oral** do conferencista.

Pela figura, podemos dizer que os gêneros que se constelam o fazem em função do grau de importância atribuído pelos sujeitos envolvidos na atividade motivadora da cadeia. Segundo as explicações de Räisänen, uma das razões que justificariam os muitos gêneros encadeados em torno da centralidade do CPP, na área de Bioengenharia, deve-se ao fato de que essas conferências são publicadas posteriormente. Assim, quando um membro dessa comunidade discursiva propõe um CPP, já parte do princípio de que sua proposta desencadeará uma constelação de gêneros, como denota a figura acima. Entendido dessa maneira, Swales (2004, p. 20) salienta que “uma cadeia de gêneros pode ser útil aos indivíduos, porque pode auxiliá-los a planejar posteriormente, e em particular antecipar reações da audiência às versões preliminares” do *conference presentation paper*.

⁴ Tradução de Araújo (2006).

⁵ Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais

Esse modelo de Swales (2004) é importante para o nosso artigo porque, por meio dele, é possível refletir sobre as possibilidades pedagógicas da categoria constelação de gêneros em cadeia para o ensino de língua materna. Na sugestão de atividade pedagógica proposta a seguir, esboçaremos a implicação pedagógica da categoria constelações de gêneros no planejamento e execução de atividades no ensino de língua materna.

4 Roteiro básico

O roteiro básico para o planejamento de atividades com base em constelações de gêneros de texto pode orientar-se pelo Quadro 2:

Constelação de gêneros		
Núcleo motivador	Propósito comunicativo	Gênero
Projeto/unidade didática/ evento/tema, etc.	Propósito 1 –	Gênero 1 –
	Propósito 2 –	Gênero 2 –
	Propósito 3 –	Gênero 3 –
	Propósito 4 –	Gênero 4 –
	Propósito 5 –	Gênero 5 –
	Propósito 6 –	Gênero 6 –
	Propósito 7 –	Gênero 7 –
	Propósito 8 –	Gênero 8 –
	Propósito 9 –	Gênero 9 –
	Propósito n –	Gênero n –

Quadro 2 – Roteiro básico para planejamento de atividade didática com base na constelação de gêneros

A coluna um é preenchida com o núcleo motivador da atividade. Na coluna dois são listados os propósitos comunicativos selecionados para viabilizar a atividade. E a coluna três permite elencar os gêneros correspondentes aos seus propósitos comunicativos. O ponto de partida será sempre o núcleo motivador (projeto/unidade didática/evento/tema, etc.). Os propósitos comunicativos serão deliberados pelo professor, quando a atividade for desenvolvida somente por um docente, ou pelo grupo, no caso de a atividade envolver mais docentes.

A implementação de atividades que tenham por base as constelações de gêneros pode dar-se em inúmeras situações. Poderá a constelação ter por núcleo motivador e desencadeador (reforçando e ampliando o Quadro 2) uma unidade didática de ensino, um tema, um projeto, um texto-base, um evento, uma competição esportiva, etc. E pode

a atividade ser desenvolvida por um professor ou por vários professores, da mesma série ou não. Como se percebe, há bastante maleabilidade na implementação dessa atividade de caráter constelar. Porém, tão importantes quanto a escolha do núcleo motivador e a definição dos agentes envolvidos na atividade são alguns princípios norteadores, podendo-se destacar, entre eles, os seguintes:

- a) As atividades devem contemplar as diversas etapas do trabalho com gêneros de texto, como o estudo do gênero, incluindo a leitura e a análise das características, a produção e a análise das produções, podendo-se tomar como base as “sequências didáticas para o oral e a escrita” propostas por Schneuwly & Dolz (2004, p. 95-128).
- b) O estudo dos gêneros não pode ser confundido com a “gramaticalização” (classificações, estudo de metalinguagens, etc.) dos gêneros, em detrimento da leitura, produção e análise de textos.
- c) É o aluno que precisa se envolver na realização das tarefas, lendo, pesquisando, sugerindo, errando, recebendo orientações, evitando-se, assim, que o professor se limite a transmitir informação.

A seguir, será apresentada uma sugestão de atividade com base em uma constelação de gêneros de texto.

5 Sugestão de atividade utilizando a constelação de gêneros

Entre as variadas possibilidades de se planejar uma atividade didática com base em uma constelação de gêneros, foi selecionada uma, apresentada no Quadro 3, que segue.

Constelação de gêneros		
Projeto: <i>Comemoração do</i>	Propósito 1 – Elaborar a programação	Gênero 1 – Programação
	Propósito 2 – Pesquisar a origem da comemoração do Dia do Estudante	Gênero 2 – Pesquisa (projeto)
	Propósito 3 – Preparar um seminário para debater tema relativo aos estudantes – “Ser estudante hoje”	Gênero 3 – Seminário (debate)
	Propósito 4 – Divulgar a Comemoração	Gênero 4 – Fôlder, circular, e-mail, cartazes

	Propósito 5 – Preparar o roteiro (protocolo)	Gênero 5 – Protocolo
	Propósito 6 – Compor uma paródia (letra e música (ou compor uma música original))	Gênero 6 – Paródia, letra de música, música
	Propósito 7 – Preparar o regulamento de um campeonato (de futsal ou outros esportes)	Gênero 7 – Regulamento
	Propósito 8 –	Gênero 8 –
	Propósito 9 –	Gênero 9 –
	Propósito n –	Gênero n

Quadro 3 – Sugestão de atividade didática com base na constelação de gêneros de textos

Observando o Quadro 3, percebe-se que essa sugestão de atividade didática com base na constelação de gêneros gira em torno de um projeto: *Comemoração do Dia do Estudante*. Portanto, o núcleo motivador não está representado por um gênero de texto, como ocorre na constelação de Bhatia (2004) ou de Araújo (2006). Nesse trabalho, nossa proposta parte de um *projeto*, como poderia partir, reforçando, de um tema, de uma comemoração, ou até de uma categoria de gêneros, entendida, a categoria, como um hiperônimo que superordena, como hipônimos, vários gêneros de texto (ZANOTTO, 2005, p. 47).⁶ Como se pode perceber, essa noção de constelação de gêneros se aproxima da noção de cadeia de gêneros proposta por Swales (2004).

Considerando que, ao planejar uma atividade, o professor pode encadear gêneros que se constelam para o desenvolvimento das ações que dela decorrem, podemos dizer que essa opção visa possibilitar o desenvolvimento de duas ações básicas na atividade docente. A primeira consiste em apresentar uma alternativa de planejamento, integrado, de atividade na escola para um período determinado (um bimestre, um trimestre, etc.) que agregue as diversas disciplinas/áreas do currículo escolar. A segunda objetiva ampliar as oportunidades de os alunos se envolverem com leitura e produção de diversos gêneros de texto, cujo uso se atualiza em uma cadeia constelar, visando aprimorar suas competências sociodiscursivas. Isso é possível de acontecer porque trabalhando com diversos gêneros de texto para a realização de um projeto pedagógico,

⁶ “As categorias de gêneros agrupam vários gêneros de textos que apresentam algumas características comuns” (ZANOTTO, 2005, p. 47 e 56), como, por exemplo, a categoria das correspondências, a categoria das receitas culinárias, etc..

por exemplo, os alunos terão a oportunidade de perceber que certos usos da língua materna estão condicionados a um grupo de gêneros que se encadeiam para esse fim. Além disso, poderá aprender que os diferentes gêneros que circulam na sociedade se diferenciam de atividades linguísticas tradicionais com as quais são levados a se ocuparem com as inespecíficas redações escolares.

Portanto, trabalhar com a constelação de gêneros em cadeia pode ser um caminho promissor para o alcance dos objetivos acima referidos, os quais contemplam também princípios norteadores dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que preconizam, nas atividades escolares, o atendimento à interdisciplinaridade e atenção especial às manifestações mediadas pelos gêneros de texto, pois, segundo os PCNs (BRASIL, 1998, p. 34),

Ensinar a escrever textos torna-se uma tarefa muito difícil fora do convívio com textos verdadeiros, com leitores e escritores verdadeiros e com situações de comunicação que os tornem necessários. Fora da escola escrevem-se textos dirigidos a interlocutores de fato. Todo texto pertence a um determinado gênero, com uma forma própria, que se pode aprender. Quando entram na escola, os textos cumprem um papel de referencial, repertório textual, suporte de atividade intertextual. A diversidade textual que existe fora da escola pode e deve estar a serviço da expansão do conhecimento letrado do aluno.

Nossa proposta pode viabilizar o atendimento aos objetivos de planejar atividades integradoras com base em constelação de gêneros de texto, culminando com a produção de textos de acordo com essa diversidade textual existente fora da escola, que, segundo os PCNs, pode e deve estar a serviço da expansão do conhecimento letrado do aluno. Nesse sentido, é necessário anotar que as escolas até já realizam seus planejamentos baseados em projetos, áreas temáticas, eventos, comemorações, etc. Porém, depoimentos obtidos de professores de quintas séries do ensino fundamental do município de Caxias do Sul, durante a realização de oficinas como parte de um projeto de pesquisa, revelaram dificuldade na forma de operacionalizar esses planejamentos⁷. Normalmente, após a elaboração de um esboço inicial de um plano de trabalho, as ações se desenvolviam de forma isolada, percorrendo, cada professor, caminhos independentes.

⁷ Esses depoimentos fizeram parte de uma das etapas da pesquisa *Oficinas de Leitura e Escrita para Coordenadores Pedagógicos do Ensino Fundamental com Base na Teoria dos Gêneros de Texto*, realizada pela Universidade de Caxias do Sul em parceria com a Secretaria da Educação de Caxias do Sul.

Diante dessa realidade, imaginamos que trabalhar com a noção de constelação de gêneros em cadeia aqui apresentada pode assegurar ações integradas, durante o desenvolvimento das várias etapas de um determinado projeto pedagógico desenvolvido na escola. Por outro lado, é pertinente anotar que o trabalho com gêneros de texto ou era confinado às aulas de português, ou até nem mesmo era contemplado nas ações pedagógicas da escola. A presunção, aqui, é de que as ações pedagógicas desenvolvidas tendo como base uma constelação de gêneros de texto viabilizem realizar e executar um planejamento integrado e interdisciplinar e que também contemple o estudo e a produção de diversos gêneros de texto, orais e escritos, que serão aprendidos e praticados não isoladamente, mas em constelação. Como isso pode ser feito é o que passaremos a mostrar subsequentemente na descrição da metodologia pela qual poder-se-á avaliar a justeza da presunção das qualidades da proposta aqui apresentada.

6 A metodologia

A primeira etapa da metodologia consiste na definição do núcleo motivador. No caso mostrado por Swales (2004), temos o envio de uma proposta de conferência para um congresso e, na adaptação da noção de constelação de gêneros para o ensino que estamos apresentando aqui, sugerimos que a decisão recaia sobre um projeto pedagógico, no caso, a *Comemoração do Dia do Estudante*.

Na segunda etapa, são definidos os propósitos comunicativos pertinentes à atividade e, em decorrência, identificados os gêneros correspondentes a cada propósito contemplado. Na sugestão aqui analisada, os propósitos estão expostos na coluna dois do Quadro 2, e os gêneros, na coluna três.

A terceira etapa prevê a realização das atividades das quais cada professor se incumbiu, sintetizadas no propósito e no gênero selecionados. A realização das atividades pressupõe a execução de várias ações a respeito dos gêneros de texto contemplados na constelação por eles formada: busca de informações sobre o gênero, análise de exemplos e, na culminância, a sua produção.

Na quarta etapa, cada professor, com seus alunos, executa as atividades previstas por meio dos propósitos comunicativos e dos gêneros selecionados.

A quinta etapa, finalmente, diz respeito ao fechamento da atividade, com a apresentação

das diversas produções. A especificidade de cada contexto e o planejamento geral das atividades determinará a maneira de fazer as apresentações, que poderão ocorrer em momentos de comemoração, em seminários, ou ainda pela veiculação em cartazes, jornaizinhos e outros variados suportes. O importante é que se complete o ciclo com a especificação dos destinatários das produções, contemplando-se, assim, o princípio segundo o qual, na produção de um texto, deve-se ter clareza sobre seu destinatário ou destinatários. Sem audiência específica, o texto se limita a ser uma produção escolar de caráter indefinido.

Dessa forma, fecha-se o ciclo da metodologia, que, como vimos, e resumindo, contempla as seguintes etapas: seleção do núcleo desencadeador das atividades, definição dos propósitos comunicativos, identificação dos gêneros a serem trabalhados para o alcance dos propósitos, execução das atividades e apresentação dos resultados, sintetizados nos gêneros de texto trabalhados, produzidos e veiculados.

7 Considerações finais

Mais que teorizar sobre a noção de constelação de gêneros – embora necessária e introdutória –, nosso objetivo, com este artigo, foi colocar à disposição dos professores, especialmente do ensino básico, uma ferramenta de trabalho, qual seja, planejar atividades escolares com base em constelação de gêneros de textos.

É pensamento bastante generalizado de que um número elevado dos nossos alunos, dos mais variados níveis, e igualmente de egressos das escolas que se candidatam ao mercado de trabalho, quer por conclusão de cursos quer por evasão, apresentam carências muito sérias de leitura e de escrita. São analfabetos funcionais. Como justificar essas carências, após longos anos de estudos regulares, inclusive, normalmente, com elevada carga horária de estudo de linguagem? Certamente não seremos vozes isoladas se atribuírmos essas deficiências à maneira como são planejadas e executadas muitas das atividades nas nossas escolas; deficiências por falta de integração entre as diversas áreas/disciplinas; deficiências pela fragmentação dos conteúdos; pela prática pedagógica baseada mais na transmissão de informações do que no envolvimento do aprendiz na busca do conhecimento; pelo ensino da língua materna baseado mais nas preocupações com nomenclaturas e classificações que na leitura e no estudo e produção de textos.

A pretensão deste artigo consiste, então, e repetindo, em oferecer uma proposta que auxilie na solução dessas deficiências, baseada no trabalho com as constelações de gêneros de textos. Assim, e, novamente reiterando, estarão sendo equacionados pelo menos dois problemas, o da falta de integração entre as diversas áreas/disciplinas e mesmo entre os professores e o da falta de proficiência em leitura e escrita, quer dos alunos quer dos egressos das nossas escolas. É nossa convicção de que a prática da leitura e da análise e produção dos diversos gêneros de texto, ao longo dos mais de dez anos que perfazem o ensino fundamental e médio, auxiliará, em boa medida, na solução das deficiências acima referidas, visando tornar o nosso aluno um cidadão proficiente em suas práticas sociodiscursivas.

Referências

ARAÚJO, J. C. *Os chats: uma constelação de gêneros na Internet*. Tese (Doutorado em Linguística). Fortaleza: PPGL-UFC, 2006.

ARAÚJO, J. C. A organização constelar do gênero chat. *Anais da XX Jornada Nacional de Estudos Linguísticos*. João Pessoa: Ideia. p. 1279-1292, 2004.

BAKHTIN. M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN. M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2002.

BEZERRA, B. G. Gêneros introdutórios mediados pela web: o caso da homepage. In: ARAÚJO, J.C. (Org.). *Internet e ensino: novos gêneros, outros desafios*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 113-125.

BEZERRA, B.G. Gêneros introdutórios em livros acadêmicos. Tese (Doutorado em Linguística). Recife: PPGL-UFPE, 2006.

BHATIA, V. K. *Worlds of written discourse: a genre-based view*. London: Continuum, 2004.

BHATIA, V.K. Applied genre analysis: analytical advances and pedagogical procedures. In. JOHNS, A. M. (Ed). *Genre in the classroom: multiple perspectives*. Mahwah, NJ: Lea, 2001. p. 279-283.

BHATIA, V. K. Integrating products, processes, purposes and participants in professional writing. In. CANDLIN, C. N. & HYLAND, K. (Eds.). *Writing: texts, processes and practices*. New York: Longman, 1999, p. 21-39.

BHATIA, V. K. Análise de gêneros hoje. *Revista de Letras*. n. ° 23. Vol. ½. jan./dez. Fortaleza: Edições UFC, 2001. pp. 102-115. Trad. Benedito G. Bezerra. A publicação original é datada de 1997.

BHATIA, V.K. *Analysing genre: language use in professional settings*. New York: Longman, 1993.

BRONCKART, J.-P. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. São Paulo: Educ, 2004.

CAMPBELL, K. K. & JAMIESON, K. H. Form and genre in rhetorical criticism: an introduction. In: _____. (Eds.) *Form and genre-shaping rhetorical action: Speech Communication Association*, 1978. p. 9-31.

BRASIL, Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília, 1998.

LOPES, A. K. do C. *Uma colônia de gêneros anúncios*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Fortaleza: PPGL-UFC, 2008.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P. et al. *Gêneros textuais & ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p.

MARCUSCHI, L. A. *Gêneros textuais: o que são e como se constituem*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco. Texto inédito, 2000.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004, p. 95-128.

SWALES, J. M. *Research Genres: explorations and Applications*. New York: Cambridge University Press, 2004.

ZANOTTO, N. *E-mail e carta comercial: estudo contrastivo de gênero textual*. Rio de Janeiro: Lucerna e Caxias do Sul (RS): EDUCS, 2005.